

Dez 1991

O ROSTO DO SILÊNCIO

JOSÉ CARDOSO PIRES

Os Estados Unidos são os protectores complacentes. E os ingleses os aliados para toda a obra, como sempre. Com o petróleo a acrescentar e com uns tantos pretextos de anticomunismo sedição pelo meio, fica muralhado, a silêncio e a ouro, o sangrento império de Suharto que pratica em Timor-Leste os seus rituais de carnificina. O mundo civilizado ignora, a cristandade oficial guarda silêncio, e os *lobbies* diplomáticos mantêm reserva sobre os rumores selvagens que vêm dessas ilhas do fim do mundo.

Mas agora, depois do massacre de Novembro, o terror mostrou a sua face incontestável e comprometeu sem evasivas as alianças tolerantes que rodeavam a festa macabra dos ocupadores indonésios. A chacina do Cemitério de Santa Cruz foi a apoteose ostensiva duma ditadura militar sobre um pequeno território que se recusa a aceitar a moeda da morte.

Uma operação assim, tão brutal e tão desmascarada, não foi um simples erro político nem um excesso accidental a que os inquéritos posteriores possam *bonna fide* pôr fim. É uma consequência lógica da praxis de violência do imperialismo de Jacarta e, ao mesmo tempo, a declaração aberta e feroz de um «estado de coisas». A paz indonésia começa agora a levantar o seu rosto perante o silêncio geral que a encobria. E levanta-o sobre centenas de cadáveres desarmados.

Há um jogo de remorsos à volta de toda esta tragédia. Remorsos que nos dizem respeito a nós próprios, portugueses, e remorsos que têm a ver com a consciência universal. No entanto alguma luz começa a despontar agora nas trevas concertadas da diplomacia dos poderosos e não é de crer que se possa prolongar por muito mais tempo a conspiração do silêncio que os

Estados Unidos e o Vaticano têm vindo a manter em torno do problema.

Mas é à Santa Sé, quanto a mim, que cabe a maior responsabilidade nesta conjura, através da indiferença que manifesta pela violação dos Direitos do Homem em que assenta toda a política de Suharto e pelo privilégio negocial que concede às autoridades eclesias-ticas indonésias no confronto com as outras Igrejas. A pedido de Jacarta, procedeu à demissão de monsenhor Costa Lopes, vigário apostólico de Díli, e proibiu, por intermédio do Nuncio Apostólico em Portugal, que fossem transmitidas ao secretário-geral da ONU as cartas de 167 bispos de todo o mundo que apoiavam a realização de um referendo no território de Timor-Leste.

A Igreja encontra-se, assim, num cisma de interesses diplomáticos comandado pelo mutismo apostólico do Sumo Pontífice. O Bispo de Díli é ele; ele é que tem a palavra no diálogo com os bispos do ditador de Jacarta mas sobre isso nada revela. Aceita que o nuncio apostólico na Indonésia proponha a Xanana Gusmão que desista de lutar pela independência mas regista sem comentários o genocídio do povo mauber.

Sem dúvida que um dia a repulsa internacional que agora se começa a generalizar em relação ao martírio de Timor-Leste tocará também a consciência pontificia. Ah sim, sem dúvida. Mas isso só acontecerá quando as grandes instituições políticas internacionais se decidirem a condená-lo com medidas consequentes, e nessa altura as negociações subterrâneas que o Vaticano tenha desenvolvido nesse sentido jamais poderão compensar os prejuízos de um silêncio sagrado que desorientou os crentes e prolongou a tragédia dos mártires.